

Lublin (Polônia), 19 de junho de 1996

***Objetivos e espiritualidade do Movimento dos Focolares***

*Extraído da lectio magistralis feita por ocasião da entrega a Chiara Lubich do doutorado h.c em Ciências Sociais da Universidade Católica de Lublin (Polônia)*

(...)

O Movimento dos Focolares.

Não é fácil descrevê-lo em poucos minutos. Porém, vejamos logo por qual razão Deus o criou.

Na época em que o Movimento apareceu na Igreja, na década de 40 (e os senhores podem compreender melhor do que outros) propagava-se no mundo uma ideologia que desconhecía Deus, aliás, que queria bani-lo da sociedade.

O ódio tinha assumido um papel importante para a realização de uma sociedade que, apesar disso, queria se apresentar como progredida.<sup>1</sup>

A unidade, a unidade dos povos sem Deus era a utopia na qual se queria acreditar e pela qual muitos pensavam que valia a pena gastar grande parte das próprias energias.

Exatamente nesse contexto nasceu o Movimento dos Focolares, que concentra os seus objetivos e finalidades em Deus, escolhido como Ideal; no amor, como estilo de vida; na unidade, como exercício que une cada homem a Deus e os homens entre si.

E como se apresenta hoje o Movimento dos Focolares?

É uma entidade religiosa e civil ao mesmo tempo, com mais de 4 milhões de membros: dois milhões estão fortemente ligados ao Movimento e às suas estruturas. Os outros dois milhões vivem o seu espírito. São pessoas de toda raça, língua, povo e religião, espalhadas no mundo inteiro, em quase 200 países.

Os seus membros estão unidos como irmãos e irmãs pela caridade trazida por Jesus à terra, ou simplesmente pelo amor de benevolência que, em prática, todas as religiões propõem; amor que é aceito até por pessoas indiferentes à religião, como único instrumento útil para construir a fraternidade universal.

O Movimento dos Focolares - é assim que João Paulo II o vê - é um pequeno "povo", expressão do grande povo de Deus. Está marchando, na edificação de uma civilização do amor, para a meta de um mundo mais unido. Tem uma espiritualidade específica, comunitária e uma cultura própria.

Ao Movimento dos Focolares aderem em maioria pessoas católicas de todas as idades e vocações, mas também cristãos de outras Igrejas e fiéis de outras religiões.

---

<sup>1</sup> No texto preparado.

Não podemos esquecer os que não têm fé, desde que sejam homens e mulheres de boa vontade.

Trata-se de uma Obra de Deus e, portanto, é muito rica. Podemos vê-la sob vários pontos de vista: do espiritual ao apostólico, pastoral, caritativo, associativo, profético, social.

Hoje, pelo menos nesta primeira parte, queremos considerá-lo sobretudo sob a perspectiva social.

O Movimento dos Focolares tem 53 anos de vida: nasceu em 1943.

Qual foi o seu primeiro sinal de vida? Qual foi "a primeira centelha inspiradora", como a definiu João Paulo II?

É simples como todas as coisas de Deus.

Durante o flagelo da guerra, tivemos uma nova revelação sobre a verdadeira essência de Deus: Amor. Ele nos amava imensamente. Ele amava a todos. Essa nova descoberta nos fez sentir Deus perto de nós, presente em todas as circunstâncias da vida.

Foi esse o primeiro anúncio a todos aqueles que encontrávamos: Deus está aqui, Ele o ama, conta até os cabelos da sua cabeça; Ele morreu por você.

Foi assim que acreditamos no amor.

Mas era necessário retribuir o amor. Como? Com o nosso amor, que não é mero sentimentalismo, mas situar-se e viver na onda da sua vontade: "Não quem diz Senhor, Senhor, mas quem faz a vontade de meu Pai..." (cf Mt 7, 21). E a sua vontade - foi o que entendemos - é que amemos.

O Espírito (que gostaria de chamar de carisma da unidade) que começava a nos iluminar, nos impelia a amar. Mas o único modo para amar com retidão era observando e praticando as Palavras de Deus.

Não era possível levar nada conosco nas infinitas fugas aos abrigos de dia e de noite para nos protegermos das bombas, mas levávamos um Evangelho, um pequeno Evangelho. Enquanto esperávamos o momento de sair, o líamos. Eram palavras únicas, universais, feitas para todos. Entendemos logo que, traduzidas em vida, teriam suscitado uma revolução. Nós as líamos e vivíamos. E o mundo dentro de nós e ao nosso redor se transformava.

Se bem que fascinadas por tudo o que o Evangelho dizia, fomos tocadas sobretudo por algumas palavras de Jesus e por realidades que enfatizavam exatamente o amor: amor a Deus, amor ao próximo, amor recíproco, acolher a presença espiritual de Cristo entre nós, como Ele prometeu onde dois ou mais se unem no seu nome (cf Mt 18, 20), isto é, no seu amor, seguir o Amor mais explícito: Jesus crucificado, realizar a unidade, efeito do amor recíproco vivido não só com quem nos foi indicado pela Igreja, mas com todos ("que todos sejam um" [Jo 17, 21]): aquela unidade que como cristãos somos chamados a viver segundo o modelo da Santíssima Trindade.

Compreendemos a Eucaristia como geradora e vínculo de unidade; Maria como Mãe do Belo Amor e da unidade; aprofundamos a Igreja como comunhão no amor; o Espírito Santo como o Amor personificado.

A seguir, estas palavras e realidades do Evangelho, que nos tinham envolvido de modo especial, começaram a dispor-se como linhas de uma espiritualidade centralizada no amor e na unidade: a espiritualidade da unidade, a qual, após décadas, está sendo descoberta por nós como uma autêntica espiritualidade da Igreja, ao lado das outras que focalizam mais o indivíduo e que embelezaram a Esposa de Cristo nos séculos. A espiritualidade da unidade tem uma característica muito peculiar e talvez exclusivamente sua: a mais radical, a mais intensa vida comunitária. Comprovávamos, então, sempre maravilhadas e admiradas, a verificação diária das promessas

evangélicas: o "vos será dado" (Lc 6, 38) por termos dado; o "acréscimo" que sem falta chegava por termos buscado o Reino de Deus; o "cêntuplo" que regularmente seguia quem tinha deixado tudo por Deus.

Mas existe um fato daquela época, entre os mil episódios que constelavam a nossa vida, que confirma a específica vocação comunitária.

Um dia nos reunimos num porão para nos protegermos dos perigos da guerra. Abrimos o Evangelho por acaso e deparamos com a solene oração de Jesus ao Pai, ao longo da torrente Cédron, rumo ao Monte das Oliveiras.

"Pai Santo", começamos a ler e tivemos a impressão de penetrar naquele trecho difícil para a nossa preparação. Mas acima de tudo advertimos a certeza de que tínhamos nascido para atuar aquela página do Evangelho. Era para nós como a "magna carta" do novo Movimento.

Motivadas pela nossa espiritualidade comunitária colocávamos em comum de maneiras diversificadas, envolvendo nisso as numerosas pessoas que nos seguiam, os nossos poucos bens materiais e espirituais, e também as necessidades. Essa ação evangélica (com efeito, desejávamos imitar os primeiros cristãos, entre os quais nenhum era indigente devido à comunhão dos bens que faziam) não deixou os outros indiferentes.

De fato, alguns comunistas se apresentaram um dia no nosso primeiro focolare perguntando-nos qual era o segredo de tudo o que acontecia ao nosso redor. Afirmaram que o que tinham visto realizado na cidade de Trento, eles o teriam atuado no mundo inteiro. Apontamos para um crucifixo numa parede: não era Ele o motivo do nosso amor recíproco ao ponto de partilharmos tudo o que tínhamos? Mas esse segredo não era feito para eles que, abaixando a cabeça, foram embora.

A seguir, o Movimento começou a sua rápida expansão: primeiro na Itália, depois na Europa, também Oriental, e no mundo. Tudo graças àquele "segredo" que indicamos aos nossos irmãos comunistas.

Numa circunstância - prevista por Deus, pensamos - tínhamos vindo a saber que Jesus chegou ao ápice da sua dor quando experimentou na cruz o abandono do Pai: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste" (Mt 27, 46).

Esse fato nos tocou. E a nossa jovem idade, o entusiasmo, principalmente a graça de Deus, impeliram-nos a escolher exatamente Jesus no seu abandono como ideal da nossa vida.

Desde então em toda parte descobrimos o seu semblante: nas nossas dores íntimas, que nos esforçávamos para amar, porque eram expressões dele, e naquela dos próximos, sobretudo dos que sofriam.

Ele, que tinha sentido o Pai longe de si, que tinha experimentado em si a separação dos homens de Deus e entre si, foi por nós individuado em todas as divisões do mundo, grandes ou pequenas: na família, entre as gerações, entre pobres e ricos, no interior da Igreja entre as suas várias obras, entre as várias Igrejas. Ainda, entre as religiões e entre quem tem fé e não.

Mas - isso é importante - nenhuma dessas divisões nos assustou. Aliás, por amor a Jesus Abandonado, todas nos atraíram. E sentíamos que o nosso lugar estava exatamente ali, onde havia um trauma, uma divisão.

Daí os frutos em todos os campos.

(...)